

"IN MEMORIAM".

PROF. JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA
(1904-1955)

No dia 6 de agosto do ano corrente, quando sobrevoava a Amazônia Ocidental, a meio caminho entre Benjamim Constant e Manaus, no cumprimento de missão que lhe fôra confiada pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização, morreu o prof. *José Veríssimo da Costa Pereira*. Morreu como vivera nos últimos 30 anos — ao serviço da Geografia, que tanto amava e que tanto engrandecera. Seu grande coração parou para sempre menos de um mês após haver tomado parte ativa, com a cultura que conseguira acumular e com o brilho de sua invulgar personalidade, nos trabalhos da Décima Assembléia Geral da A. G. B., reunida em Garanhuns.

A Geografia brasileira está de luto, porque *José Veríssimo da Costa Pereira* era, sem nenhum favor, um de seus mais legítimos representantes. Nele se confundiam, de maneira harmoniosa e nada comum, o grande professor e o pesquisador arguto. Quem teve a ventura de ouvi-lo, em suas aulas ou nas conferências que pronunciou, na apresentação de relatórios ou nos debates em que tomou parte, pode testemunhar suas excepcionais qualidades de exposição e de método. Quem o acompanhou em pesquisas no campo há de recordar-se da maneira particular pela qual atuava e, principalmente, da sagacidade de suas observações. Acima de tudo, porém, o que notabilizava o prof. *José Veríssimo* era o domínio da bibliografia geográfica, sua sólida cultura, cimentada por longos anos de estudo e de meditação: conhecia êle, a fundo, os ensinamentos dos mestres da Geografia Moderna, como estava perfeitamente em dia com tudo o que se publicava no país e no Mundo, dentro do sector de sua especialidade. Suas preferências voltavam-se para a Geografia Humana e Econômica, notadamente a Geografia Agrária; no entanto, discutia com inegável segurança problemas de Geomorfologia ou referentes ao clima e à vegetação. Era, sem dúvida alguma, um geógrafo completo.

Sua morte prematura e inesperada repercutiu de maneira a mais profunda, dolorosa e sentida no seio da Associação dos Geógrafos Brasileiros, cujo espírito e cujas finalidades compreendia como ninguém. Não há nenhum exagêro em afirmar-se que, desde 1947 (quando entrou para a categoria dos sócios efetivos), sua figura



Na Associação dos Geógrafos Brasileiros

A fotografia focaliza o prof. José Verissimo, então presidente da A.G.B., na cerimônia de instalação da Seção Regional do Paraná, em janeiro de 1953.

(Foto Barbosa Pupo).

ímpar se destacou na vida da A.G.B., dominando-a. Presidente em três períodos, soube organizar de modo notável três das mais importantes e frutuosas assembléias de nossa Associação — a de Belo-Horizonte (1950), a de Nova Friburgo (1951) e a de Cuiabá (1953), dando-lhes vida e entusiasmo, graças ao seu dinamismo contagiante.

Desde que entrou para os quadros da A.G.B. não faltou a nenhuma de suas assembléias anuais, embora muitas vêzes o fizesse com sacrifício de sua saúde e de seus interêsses particulares. Sua presença bastava para encher de movimento e de animação as nossas reuniões, dando-lhes não apenas a contribuição de sua experiência, como também uma nota humana realmente indelével. Foi *José Veríssimo* quem organizou, através do Regimento Interno aplicado pela primeira vez em Belo-Horizonte, os trabalhos das assembléias nos moldes em que, em suas linhas mestras, ainda hoje se processam. Foi *José Veríssimo* quem, sem o mínimo prejuízo para a eficiência dos trabalhos, introduziu o hábito, hoje consagrado, de amenisar a dureza de nossas tarefas com a música de um piano (que êle tocava de forma pessoal e inesquecível) ou com as canções improvisadas, cheias da mais pura alegria. Foi *José Veríssimo* quem instituiu a "saudação agebeana", já agora tradicional.

A A.G.B. conquistou de maneira total seu espírito de escol e seu imenso coração. Onde quer que atuasse — no Conselho Nacional de Geografia, que êle tanto amava e ao qual dedicara parcela substancial de sua vida; nas atividades do magistério, particularmente no Colégio Pedro II, onde se destacava entre os melhores professores; ou como técnico do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, para onde fôra levado exatamente há um ano —, *José Veríssimo da Costa Pereira* não se esquecia da nossa Associação. Expunha suas finalidades, chamava a atenção para a obra que vem realizando, conquistava admiradores e fervorosos adeptos. Agiu sempre como um líder e, mais do que ninguém, compreendeu a posição representada pela Associação dos Geógrafos Brasileiros como "resultante" das mais legítimas fôrças da moderna Geografia brasileira.

Quando visitava São Paulo, *José Veríssimo* sentia-se como se estivesse em sua própria casa, no meio de sua gente. Até aqui veio inúmeras vêzes, ao serviço da A.G.B., a convite da direção da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo para examinar em concursos de doutoramento e de cátedra (merecida homenagem que recebeu dos paulistas ao seu valor pessoal, desde que não tivera a ventura de conquistar uma cátedra de ensino superior, embora figurasse entre os mais dignos de tal honraria), quando não subiu ao planalto apenas para matar saudades de seus muitos amigos, sinceros e fieis.

Por tôdas essas razões é que a Geografia nacional cobriu-se de luto e, com ela, de maneira especial, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, que viu tombar para sempre um de seus mais lídimos expoentes. Na personalidade inesquecível de *José Veríssimo da Costa Pereira* perdeu o Brasil um notável professor e um grande geógrafo. Para os membros da A. G. B., além do professor e do geógrafo, desapareceram o companheiro de horas felizes, o gênio dinâmico das assembléias anuais, o amigo de tôdas as horas, o coração que não sabia guardar máguas ou rancores, que tinha sempre uma palavra de bondade para os que dele se acercavam, que sabia estimular as vocações jovens, que era compreensivo e magnânimo com os que dele discordavam, a espelhar toda a grandeza de sua alma de eleição.

Nada mais justo, por conseguinte, que, profundamente feridos, reverenciemos neste momento a sua memória e o apontemos como exemplo para aqueles que hoje arcam com a responsabilidade de assegurar a continuidade e a sobrevivência de nossa agremiação.



José Veríssimo da Costa Pereira nasceu no dia 1.º de outubro de 1904 em terras do município de Paraíba do Sul, no Estado do Rio de Janeiro, sendo seus pais o Sr. José da Costa Pereira e D. Belarmina Guimarães Pereira. Sua infância e adolescência êle as passou na cidade de Três Rios (antiga Entre-Rios), também naquele Estado.

Ainda moço tomou contato com as obras de Vidal de la Blache, Jean Brunhes, Camille Vallaux e Emmanuel de Martonne, graças à biblioteca de um amigo culto, que a procura de um bom clima havia conduzido até Paraíba do Sul. Por isso mesmo, logo que terminou seus estudos secundários, dedicou-se ao ensino da Geografia, com o entusiasmo que o caracterizava e sempre dentro das modernas diretrizes. Notabilizou-se, sem demora, como professor, quer em cursos particulares, quer nos melhores estabelecimentos de ensino da Capital da República, como o *Colégio Ottati*, o *Instituto de Ensino Secundário*, o *Colégio Santo Antônio Maria Zacaria*, o *Colégio Santo Inácio*, o *Colégio Anglo-Brasileiro*, o *Colégio São Fernando*, o *Colégio Aldridge*, o *Colégio Andrews*, o *Colégio Rezende*, etc. Em nível superior, lecionou na *Faculdade Fluminense de Filosofia*. No magistério oficial, foi professor de Geografia no *Colégio Universitário* e, em seguida, no *Colégio Dom Pedro II* (Departamento de Botafogo), onde lecionava quando a morte o colheu. Além disso, manteve durante alguns meses um Curso de Geografia através do rádio (na chamada "Universidade do Ar"), seguido por alunos das mais diversas regiões do país; e lecionou em



No Conselho Nacional de Geografia

A fotografia mostra-nos o prof. José Veríssimo numa das
Assembléias do Conselho Nacional de Geografia.

(Foto dos arquivos do C.N.G.).

Cursos de Férias realizadas na Capital Federal, em Belo-Horizonte e na cidade do Salvador.

Deixou três obras didáticas, notáveis pelo seu plano e por sua moderna orientação, elaboradas em colaboração com o prof. Afonso Várzea: uma *Geografia Secundária* (para a 1.^a série), uma *Geografia Física* (574 págs.) e uma *Geografia Humana* (608 págs.), editadas pela Livraria Francisco Alves, sendo as duas últimas ilustradas por Francisco Acquarone.

Uma vez criado o Conselho Brasileiro de Geografia (1937), depois denominado *Conselho Nacional de Geografia*, passou a dar-lhe sua valiosa colaboração, quer como técnico em Geografia, quer em posições de caráter administrativo (Secretário-Assistente, Secretário-Geral). Como funcionário do C. N. G., foi enviado aos Estados- Unidos a fim de aprimorar seus conhecimentos, havendo cursado a *Northwestern University*, em Evanston (Illinois), de 1945 a 1947. Tomou parte em numerosos trabalhos de campo, sob a direção dos profs. Francis Ruellan e Leo Waibel, e chefiou, juntamente com o prof. Clarence Jones, uma expedição científica ao Centro-Oeste. Sua atuação foi sempre marcante nas "tertúlias" e assembléias anuais do C.N.G., sendo abundante a contribuição deixada em trabalhos publicados na "Revista Brasileira de Geografia" (especialmente a respeito de tipos e aspectos do Brasil) e no "Boletim Geográfico". Tomou parte no *X Congresso Brasileiro de Geografia*, reunido no Rio de Janeiro, em 1944.

Sócio efetivo da *Associação dos Geógrafos Brasileiros* desde 1947, exerceu a sua presidência nacional em 1948-50, 1950-51 e 1952-53, tomando parte ativa nos debates e nos trabalhos de campo realizados por ocasião das assembléias anuais, da mesma forma que no *I Congresso Brasileiro de Geógrafos*, reunido em Ribeirão Preto, em julho de 1954. Dirigiu a Seção Regional do Rio de Janeiro e o "Boletim Carioca de Geografia".

Escolhido pelos órgãos dirigentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, fez parte das comissões examinadoras que presidiram o doutoramento do prof. José Ribeiro de Araujo Filho (1950) e os concursos para as cátedras de Geografia Física (1950) e de Geografia Humana (1951).

Desde fins de 1954, vinha dando sua colaboração como técnico em Geografia ao *Instituto Nacional de Imigração e Colonização*.

Convidado pelo prof. Fernando de Azevedo, organizador e orientador da importante obra intitulada *As Ciências no Brasil*, a ser próximamente publicada por iniciativa da Fundação Larragoiti, escreveu o capítulo referente à evolução da Geografia em nosso país.

Era membro efetivo da Comissão do Brasil da *União Geográfica Internacional*, da *Association of American Geographers*, da *American*

Geographical Society, da *American Polar Society* e da *Academy of Political Society*.



Além dos trabalhos já mencionados, deixou o prof. José Veríssimo mais os seguintes:

I. Na REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA:

a) Tipos e aspectos do Brasil:

1. *Agregado*, ano IX, n.º 3;
2. *Babaçuais*, ano VI, n.º 1;
3. *Balsas*, ano VI, n.º 4;
4. *Barqueiro do São Francisco*, ano V, n.º 4;
5. *Barranqueiros*, ano XI, n.º 2;
6. *Buritizal*, ano IV, n.º 4;
7. *Caboclo amazônico*, ano X, n.º 4;
8. *Campos do Rio Branco*, ano IV, n.º 3;
9. *Carnaubais*, ano V, n.º 2;
10. *Casa do agregado*, ano IX, n.º 3;
11. *Castanhais*, ano V, n.º 3;
12. *Charqueada*, ano VI, n.º 2;
13. *Ervais*, ano V, n.º 1;
14. *Ervateiros*, ano V, n.º 1;
15. *Faiscadores*, ano VII, n.º 1;
16. *Gaiolas e vaticanos*, ano IV, n.º 2;
17. *Garimpeiros*, ano IV, n.º 4;
18. *Gerais*, ano VI, n.º 4;
19. *Grutas calcárias do São Francisco*, ano V, n.º 4;
20. *Mata de poaia*, ano XI, n.º 1;
21. *Muxuango*, ano IX, n.º 4;
22. *Pantanal*, ano VI, n.º 2;
23. *Pesca do pirarucu*, ano X, n.º 1;
24. *Pescador de pirarucu*, ano X, n.º 1;
25. *Planície dos Goitacazes*, ano IX, n.º 4;
26. *Pranchas*, ano XI, n.º 2;
27. *Região central de Minas Gerais (Serra do Curral del Rei)*, ano VII, n.º 1;
28. *Rendeiras do Nordeste*, ano V, n.º 2;
29. *Regatões*, ano V, n.º 3;
30. *Salinas*, ano VI, n.º 1;
31. *Seringueiros*, ano IV, n.º 2;
32. *Vaqueiro do Rio Branco*, ano IV, n.º 3;
33. *Vêr-o-pêso*, ano X, n.º 4.

b) Vultos da Geografia nacional:

34. *Alfredo d'Escagnole Tamay*, ano V, n.º 1;
35. *Alfred Russel Wallace*, ano V, n.º 1;
36. *Antônio Ernesto Gomes Carneiro*, ano VI, n.º 1;
37. *Arrojado Lisboa*, ano VI, n.º 4;
38. *Barão de Capancua*, ano VII, n.º 1;
39. *Barbosa Rodrigues*, ano IV, n.º 2;
40. *Capistrano de Abreu*, ano VI, n.º 2;
41. *Ferdinand Denis*, ano VI, n.º 4;

42. *Gonsaga de Campos*, ano V, n.º 4;
43. *Henri Anatole Condreau*, ano V, n.º 2;
44. *Henri Gorceix*, ano V, n.º 4;
45. *Henrique Halfeld*, ano VI, n.º 1;
46. *Joaquim Nabuco*, ano VI, n.º 2;
47. *José Cândido Guillobel*, ano V, n.º 2;
48. *Jules Nicolas Creveaux*, ano IV, n.º 3;
49. *Karl von Den Steinen*, ano IV, n.º 4;
50. *La Condamine*, ano IV, n.º 2;
51. *Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied*, ano VI, n.º 2;
52. *Richard Burton*, ano VII, n.º 1;
53. *Silva Coutinho*, ano IV, n.º 3;
54. *Theodor Koch-Grünberg*, ano V, n.º 3;
55. *Theodoro Roosevelt*, ano VI, n.º 3;
56. *Teodoro Sampaio*, ano IV, n.º 3;
57. *Torquato Tapajós*, ano V, n.º 3.

c) Diversos:

58. *Expedição a São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais*, ano XII, n.º 4;
59. *Evolução do problema canavieiro fluminense*, ano V, n.º 2;
60. *Princípios de uma geografia humana das regiões tropicais*, ano IX, n.º 4.

II. No BOLETIM GEOGRÁFICO do C. N. G.:

61. *Concurso de monografias de aspectos municipais*, n.º 1;
62. *Reflexões à margem de quatro excursões geográficas*, n.º 5;
63. *Pontos básicos para a organização de uma monografia regional*, n.º 8;
64. *Introdução ao estudo do vale médio do Paraíba*, n.º 8;
65. *A Geografia na Universidade do Ar*, n.º 14;
66. *Evolução, conceito e método da Geografia*, n.ºs 14 e 22;
67. *A viagem Belo Horizonte-Sabará*, n.º 16;
68. *Traços essenciais da paisagem espírito-santense*, n.º 20;
69. *Relatório geral da excursão ao vale do Rio Doce — Vitória: a cidade e o porto*, n.º 20;
70. *O Porto de Vitória*, n.º 20;
71. *A Geografia moderna, o Professorado e o papel no Brasil das Faculdades de Filosofia e do Conselho Nacional de Geografia*, n.º 84;
72. *O lugar dos trabalhos geográficos na obra de colonização do Centro-Oeste*, n.º 84.

III. Em publicações da ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS:

73. *O espírito geográfico na obra de Euclides da Cunha*, em Boletim Paulista de Geografia, n.º 4;
74. *Excursão à Baixada Fluminense (Relatório)*, em colaboração com João Dias da Silveira e Lísia Maria Cavalcanti, em Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, vol. II;
75. *Desenvolvimento e fontes da Geografia no Brasil, nos séculos XVI e XVII*, em Boletim Carioca de Geografia, ano VII, n.ºs 1-2.
76. *Desenvolvimento e fontes da Geografia no Brasil durante o século XVIII*, em Boletim Carioca de Geografia, ano VII, n.ºs 3-4.

O PETRÓLEO DE NOVA OLINDA

VIKTOR LEINZ

A descoberta do petróleo em Nova Olinda, no Estado do Amazonas, no mês de março de 1955, causou justificado júbilo entre todos os brasileiros, ao mesmo tempo que despertou viva curiosidade entre os estudiosos do país. Numa série de artigos não assinados, publicados em O Estado de São Paulo no mês de junho do ano corrente, o Dr. VIKTOR LEINZ, sócio cooperador da A. G. B. e professor catedrático de Geologia e Paleontologia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, realizou uma notável síntese a respeito do assunto. Com o objetivo de divulgar tal trabalho entre os que se interessam pela Geografia brasileira, data venia, aqui o transcrevemos, na íntegra.

O significado da descoberta do petróleo na Amazônia. — A sonda mais possante existente no País e provavelmente em todo Hemisfério Sul, com capacidade de furar até 5.000 metros de profundidade, encontrou em Nova Olinda uma camada petrolífera a cerca de 2.750 metros de profundidade. A fim de elucidar a importância da descoberta, abordaremos primeiramente alguns traços gerais da gênese das jazidas de petróleo.

O petróleo é um produto orgânico originário de vários processos geológicos remotos.

A formação de uma jazida de petróleo depende, essencialmente, de 4 condições conjuntas. Ausente uma delas não se gerará petróleo economicamente explorável. São estas as condições: 1) — Existência de rocha geradora; 2) — Existência de rochas-reservatório e rochas protetoras; 3) — Ocorrências de processos migratórios; 4) — Existência de estruturas acumuladoras (dobramento, etc.).

As 4 condições são atingidas, em geral, por processos geológicos intimamente correlacionados e contínuos. Para sistematizar a descrição, entretanto, podemos tratá-las em separado.

1) — *Rocha geradora:*

Admite-se, hoje, quase como certo, que a totalidade do petróleo provém de substâncias — vegetais e animais — principalmente de